

INFLUÊNCIA FAMILIAR NA MOTIVAÇÃO PARA ESTUDAR E OS REFLEXOS SOCIAIS

Rosani Bonfante¹
Luiz Alberto Neves²

RESUMO

A família é a base da sociedade em todas as nações, não importa a cultura, os pais são exemplos para os filhos. Pais responsáveis preocupados com o futuro têm filhos com as mesmas qualidades. O problema encontrado para esta pesquisa foi a falta de motivação na classe estudantil, entre crianças e adolescentes, no que se trata de adquirir conhecimento escolar. Muitos autores afirmam que os estudantes precisam ser motivados constantemente para que tenham algum interesse pelos estudos. Outros relatam sobre as motivações erradas que alguns pais proporcionam para seus filhos para mantê-los ocupados durante o tempo de sua ausência, na expectativa de trazer algum benefício. Diante das condições tecnológicas que nos deparamos no mundo capitalista e globalizado, encontramos muitas opções para mantermos informados e interagindo e isto se encontra ao alcance de muitas crianças e adolescentes. No entanto, parece que os espaços educacionais não evoluíram juntamente com o sistema tecnológico. Há para oferecer em oportunidades e ingresso nas escolas porém sugere-se que não há estruturas para um bom acolhimento dos estudantes, fazendo com que os próprios sintam-se desmotivados com o estudo. Há uma crucial importância da motivação no processo de ensino-aprendizagem. Estudante motivado é aquele que, está bem na escola, tem notas boas e conseqüentemente se sobressai no mercado de trabalho e se torna um cidadão em destaque. A família é a base da sociedade e uma sociedade de respeito é formada por pessoas bem instruídas e escola e família são responsáveis por este processo contínuo.

Palavras-Chave: Motivação; Família; Escola.

ABSTRACT

The family is the basis of society in all nations, no matter the culture, parents are examples for the children. Responsible parents concerned about the future have children with the same qualities. The problem found for this research was lack of motivation in the student class, among children and adolescents, when it comes to acquiring school knowledge. Many authors state that students need to be constantly motivated to have some interest in the studies. Others report on the wrong motivations that some parents provide for their children to keep them occupied during the time of their absence, in the expectation of bringing some benefit. Faced with the technological conditions that we face in the

¹Especializanda em Desenvolvimento Regional Sustentável. Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI). Graduada em Geografia e Matemática pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). nanibonf@bol.com.br

² Professor Orientador. Graduado em Economia, Mestre em Desenvolvimento Regional. Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI). seven@unidavi.edu.br.

capitalist and globalized world, we find many options to keep us informed and interacting and this is within the reach of many children and adolescents. However, it seems that educational spaces did not evolve along with the technological system. There is to offer in opportunities and entrance in the schools however it is suggested that there are no structures for a good reception of the students, causing that the ones themselves feel unmotivated with the study. There is a crucial importance of motivation in the process of teaching learning. Motivated student is one who, is well at school, has good grades and consequently excels in the job market and becomes a prominent citizen. The family is the basis of society and a society of respect is formed by well-educated people and school and family are responsible for this continuous process.

Keywords: Motivation; Family; School.

1. INTRODUÇÃO

O primeiro contato de aprendizado que a criança tem é no convívio familiar. Pai e mãe são considerados exemplos para a criança seguir, são eles que lhes transmitem os ensinamentos iniciais na vida. Estes ensinamentos vão servir de base para os outros conhecimentos que virão, então é correto afirmar que os filhos reproduzirão aquilo que os pais fazem ou ensinam. Os primeiros passos são dados no ambiente familiar. Por isso é importante ressaltar a responsabilidade da família no desenvolvimento dos seus membros.

A motivação é a força que os seres humanos precisam para seguir em frente, é fundamentada nas emoções e na busca por alcançar satisfações. O ser humano pode ser motivado a várias causas tanto para o bem quanto para o mal. O certo e o errado são motivações baseadas nas emoções e, dependendo do estado de satisfação do indivíduo ocorre uma ação relacionada. A família, por ser considerada uma estrutura de cuidado e ensinamentos, deve oferecer a criança e adolescente um ambiente equilibrado e incentivador, pois o desempenho dos mesmos está relacionado a este fator.

Esta pesquisa surge com o intuito de fazer uma revisão parcial de trabalhos/pesquisas, realizadas por autores ao longo dos últimos anos, acerca da influência familiar na motivação para estudar de seus filhos, e concomitante os possíveis reflexos sociais. Nesse sentido, emerge como objetivo geral deste estudo caracterizar o que a bibliografia científica relata acerca da influência familiar na motivação para estudar e os possíveis reflexos para a sociedade.

O trabalho apresenta-se como uma pesquisa exploratória-descritiva, por explicitar uma demanda e acessar materiais previamente elaborados. Na discussão de

dados a proposta é caracterizar, a partir dos autores lidos, o indicam serem fatores motivadores para estudar, como a família influencia a motivação para estudar de seus filhos e como esta condição reflete aspectos sociais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FAMÍLIA

A etimologia da palavra família origina-se do latim. Na Roma antiga o termo é Fâmulos que significa servo ou escravo, considerando-se família um conjunto de escravos ou criados de uma mesma pessoa. Portanto esta pessoa era responsável legal por todos os membros da família suprindo todas as necessidades principalmente a que se tratava de preparação para a construção de uma nova família. Na antiguidade, portanto, as relações familiares eram constituídas de forma a que a mulher deveria obedecer a seu marido como se fosse seu amo e senhor e o marido provedor das necessidades básicas (Batista, 2010).

No período imperial brasileiro, a legislação sobre a família era dirigida pelo Código Civil Português. Essa forma de Direito português não se aplicava de modo adequado a realidade brasileira. O casamento poderia ser realizado apenas para católicos; protestantes e judeus e outros não tinham seus casamentos reconhecidos pelo Estado. Tal legislação permaneceu em vigor até o ano de 1916. Com o Código Civil Brasileiro, daquele mesmo ano, se estabelece “a definição de família como uma união legalmente constituída pela via do casamento civil” (BRANDÃO, 2004, p. 53).

A família tradicional, considerada o fundamento da sociedade, era constituída pelo pai, mãe e os filhos. Denominada de família nuclear, andava sob vigência de um modelo hierárquico. O padrão clássico familiar era autoritário e repressor; o papel do homem se pautava na chefia dos bens da família. A ele se devia respeito e obediência. À mulher era responsável pelos cuidados da casa e da prole, porém sem poder de decisão sobre os mesmos. Não possuía autonomia para desempenhar uma profissão, comprar bens e mantimentos. Brandão (2004). Goetz & Vieira (2009) citando Araujo (2002) referem que o conceito de família atualmente, do ponto de vista científico, é bastante complexo e difícil de definir, visto que muitas modificações são observadas como parte de um processo de mudança de valores e crenças referentes aos papéis dos membros familiares o que era princípios de valores relevantes nos dias atuais muito já se perderam jovens sem

ou com pouca experiências de vida julgam-se capazes de administrar-se ou administrar por si próprio sem necessidade da busca dos conhecimentos dos processos atualizados.

No final do século XIX, com a conquista da emancipação das mulheres, seu ingresso no mercado de trabalho, o evento da pílula anticoncepcional e mudanças decorrentes do desenvolvimento industrial (Brandão 2004; Minuchin, 1982) o modelo de família patriarcal começou a mudar. A família passou a ter outras configurações e formas de funcionamento. Com a mudança dos arranjos interpessoais dissolve-se a hierarquia que antes mantinha a composição familiar, dando espaço para a mulher exercer sua independência e contribuir financeiramente no contexto familiar. A falta da mulher na criação e educação permanente dos filhos obrigatoriamente foi moldando novo modelo de sociedade de valores que em alguns casos resultam em prejuízo individual e social.

Conceituar família atualmente é uma tarefa complexa, já que esta tem importância e significado social diferentes para vários povos. Cabe destacar ainda que os parâmetros sociais sofrem alterações conforme o momento histórico vivenciado. Pode-se afirmar, de acordo com Müller (2007), que “no entendimento da abordagem sistêmica em Psicologia, a família é o primeiro microsistema com o qual a pessoa em desenvolvimento interage, tendo por isso um papel fundamental” (p. 47).

Cervený (2000, p.23) considera família como “um sistema dentro do qual, pessoas vivem no mesmo espaço físico e mantêm relações significativas”. Nesta visão sistêmica familiar, pode-se dizer que qualquer um de seus membros, bem como seus comportamentos é interdependente dos outros. Logo, cada membro do sistema influencia os outros, sendo ao mesmo tempo influenciado pelos mesmos. Tais influências mútuas fazem parte do cotidiano da vida das famílias (Cervený, 2000, p. 27). Müller (2007, 46) menciona que “a Psicologia - ainda que alicerçada em escolas com distintos pressupostos epistemológicos – contribuiu na compreensão de que família não é somente aquela representada por um homem, uma mulher e filhos, mesmo que formalmente casados. O grupo familiar pode apresentar-se com várias configurações, tais como: família tradicional, família de origem, família extensa, família nuclear, família substituída, família monoparental, família homossexual, entre outras. A família dita tradicional, de acordo com Roudinesco (2003), é “um fenômeno universal que supõe uma aliança de um lado (o casamento) e uma filiação do outro (os filhos)” (ROUDINESCO, 2003, p. 14). A família de origem é aquela formada de indivíduos que apresentam os mesmos laços sanguíneos, incluindo pai e avós. A família extensa pressupõe parentesco sanguíneo ou

por afinidade de pessoas ligadas entre si no tempo e no espaço e que se articulam com o presente.

A família nuclear denota a formada por pais e filhos. Cabe mencionar aqui, que hoje, a família nuclear além do pai, mãe e filhos, atualmente acolhe também netos, muitas vezes por conta de gravidez precoce dos filhos já resultado do despreparo na formação de uma nova família. Valores estes que foram se perdendo ao longo do processo de modernização da família com a independência da mulher nas mais diversas atividades do mercado de trabalho e a perda da autoridade do pai como chefe de família. (Cerveny, 2000). O modelo nuclear também é considerado ainda hoje como sendo o “ideal”. A família substituída é entendida como a de criação de uma ou mais pessoas com as quais não há laços de parentesco. E a família monoparental é configurada por um só de seus progenitores e filhos. A família homossexual denomina-se pela convivência e relações sexuais entre pessoas de mesmo sexo (Batista, 2010).

Do exposto, percebe-se que ponderar sobre família não é simples, já que a palavra carrega consigo várias definições e configurações de acordo com a cultura na qual está inserida e o momento de sua existência. Em uma perspectiva mais ampla, pode-se entender por família duas ou até mais pessoas unidas por laços afetivos, participando de um mesmo núcleo de convivência. Conforme menciona Osório (2002, p.13), a família não é uma expressão passível de conceptualização, mas tão somente de descrições. Na atualidade a instituição família seja ela qual for a concepção esta passando por serias dificuldades de adaptação ao sistema moderno e ao mesmo tempo manter-se dentro dos valores dos princípios. Nos últimos anos onde o capitalismo acabou sendo mais valorizado do que o próprio ser humano que é personagem principal para o bom andamento do capital não está sendo assistido de forma a ser prioridade

As crianças, por sua vez, também utilizam alguns descritores para definir o que compreendem por família. Souza & Ramires (2006) a partir da questão O que é família? Identificaram como as crianças dão conta de explicar as relações e vínculos que emergem do termo família. As autoras referem que diversos autores apontam questões mais observáveis como residência comum, função e papel familiar nas definições de crianças pré-escolares. Nas crianças escolares dimensões mais afetivas, biológicas e legais foram as mais destacadas. Seu estudo, porém, demonstrou que pré-escolares utilizaram vínculos afetivos como: “É o pai e a mãe e os filhos que se gostam” [referido por Lucas, de seis anos] para explicar o que é uma família. (SOUZA & RAMIRES, 2006 p. 161).

2.2 MOTIVAÇÃO

Motivação é uma forma de combustível humano, todas as pessoas que conhecem seus limites sentem a necessidade de serem motivadas, cada uma dentro de suas necessidades, umas mais e outras menos. A motivação é uma forma de equilíbrio para que todos tenham ânimo na medida certa.

Para Bock, Furtado e Teixeira (1999) a motivação é o processo que mobiliza o organismo para uma ação. Esta ação pode ser a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Na base da motivação, sempre existirá um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Além disso, está também incluído o ambiente, que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. E, por fim, o objeto, que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade.

Para alguns a motivação está em seu interior já para outro há uma necessidade de ser motivado, um bom exemplo são as salas de aula onde estudam crianças e adolescentes alguns, poderia ser grosseiramente enfatizado, que não precisam ser motivados para o estudo já muitos necessitam ser motivados o tempo todo. Todos têm desejos, porém para que este desejo seja realizado é preciso motivação.

Martinelli e Bartholomeu (2007) afirma que existem duas formas de orientação motivacional: a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca é vista como uma tendência natural para se buscar desafios e novidades e, têm como característica a autonomia do aluno e a autorregulação de sua aprendizagem. Já a motivação extrínseca pode ser definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo fora da tarefa, a fim de atender solicitação ou pressão de outras pessoas, ou mesmo de demonstrar suas habilidades.

Nos tempos atuais existe uma grande preocupação em buscar estratégia para que as pessoas se motivem para os estudos e posteriormente para a vida profissional. Na vida em particular de cada um é preciso encontrar motivos para ter uma vivência satisfatória, para que esta motivação faça a diferença na sua vida familiar e profissional. E para isso o indivíduo deve se preparar no tempo certo com uma trajetória ao longo de sua vida.

2.3 TEORIAS DA MOTIVAÇÃO

2.3.1 A hierarquia das necessidades de Maslow

Abraham Maslow é psicólogo e de 1908 a 1970 anunciou sua teoria sobre motivação baseando-se em suas experiências profissionais. Para ele todas as pessoas têm necessidades básicas, conforme a motivação as pessoas buscam realizar-se, sejam elas no campo afetivo, profissional ou familiar. Nesta teoria Maslow aponta que os fatores de satisfação dos indivíduos se dividam em cinco estágios formando uma pirâmide (Sampaio, 2009).

Na base da pirâmide estão as necessidades fisiológicas das pessoas, que inclui fome, sede, abrigo, sexo e outras necessidades corporais. Subindo a pirâmide, em segundo plano, vem a segurança ou proteção contra os danos físicos e emocionais. Em terceiro plano ficam as questões sociais que englobam a afeição, amizade e a valorização do pertencimento a um grupo. No quarto estágio da pirâmide está incluso a estima, respeito próprio, realizações e autonomia e reconhecimento. No quinto e no último estágio o ser humano desenvolve a autorrealização que é tornar-se tudo o que a pessoa é capaz incluindo seu crescimento pessoal intelectual por fim o próprio potencial (Sampaio, 2009).

Para Abraham Maslow, em seus estudos sobre a teoria das necessidades, elas podem ser percebidas nas mais diversas situações como, por exemplo, no mercado de trabalho. Ferreira, Demutti e Gimenez (2010) analisaram 102 pessoas com diferentes níveis de escolaridade e perceberam que os funcionários de nível fundamental consideraram como fatores motivacionais mais importantes aqueles que se encontram no nível baixo da pirâmide de Maslow. Em oposição, os entrevistados de nível médio e superior consideraram os fatores de nível alto como principais. Concluíram, deste modo, “que há uma correlação entre o nível educacional e a percepção quanto aos fatores motivacionais no ambiente de trabalho” (FERREIRA, DEMUTTI E GIMENEZ, p. 16, 2010).

Conforme a pesquisa é possível inferir que os indivíduos com menor grau de escolaridade possuíam menos intenções em se aperfeiçoar profissionalmente em comparação aos que possuíam um nível maior de escolaridade. Para os trabalhadores que possuíam somente o ensino fundamental seus desejos se concentravam nas necessidades fisiológicas ou simplesmente a necessidade de ganhar o suficiente para sobreviver. Já os indivíduos que possuíam ensino médio apresentavam uma necessidade de agregação tanto

na questão profissional quanto social, eles possuíam desejos de crescer profissionalmente. E os trabalhadores com ensino superior tinham plena consciência das necessidades do alto nível de escolaridade para crescer profissionalmente e mostraram seus desejos de continuar aperfeiçoando-se.

2.3.2 Teoria dos dois fatores de Frederick Herzberg

Essa importante Teoria foi desenvolvida por Frederick Herzberg, e foi publicado em seu livro com nome de A Motivação para Trabalhar. Teoria esta que teve por base entrevistas realizada com vários profissionais da área industrial de Pittsburgh nos Estados Unidos. Seu principal objetivo era identificar as causas de insatisfação e a satisfação dos funcionários no ambiente de trabalho daquele local. Os entrevistados foram questionados sobre o que os desagradavam e os agradavam dentro das empresas que trabalhavam (Periard, 2011).

Herzberg dividiu seus questionamentos em dois grupos, os fatores motivacionais eram os que agradavam os funcionários e os higiênicos os que desagradavam. Diferentemente de Abraham Maslow, que estudou a satisfação das necessidades das pessoas em diversos campos de sua vida, Herzberg procurou estudar o comportamento e a motivação das pessoas dentro das empresas, especificamente. O fator higiênico diz respeito a um tipo de faxina feito pelo funcionário de forma que ele se sinta satisfeito com a função que exerce isso evita a insatisfação no trabalho, pois o funcionário se livra do que esta incomodando (Periard, 2011).

Nesta teoria, de acordo com Periard (2011) os fatores higiênicos são aqueles que precisam ser eliminados para evitar que o funcionário fique insatisfeito em seu trabalho, eles não são capazes de fazer com que ele se sinta completamente satisfeito. Para o autor, o oposto de satisfação não é a insatisfação, mas, nenhuma satisfação. Bem como, o oposto de insatisfação não é a satisfação, mas sim, nenhuma insatisfação. Para Herzberg os fatores higiênicos tem haver com às condições física do ambiente de trabalho, o salário, as políticas de organização, oportunidade de crescimento dentro da empresa, o clima de organização da empresa etc, se estes itens não forem harmônicos as condições de trabalho o sistema tende a entrar em decadência.

Fatores Motivacionais podem estar incluso ao cargo, às tarefas e às atividades que um indivíduo exerce nele, pode ser incluso a liberdade de decidir como executar o trabalho e o uso das habilidades pessoais de cada um, dentro deste sistema a

responsabilidade total pelo trabalho executado, como também definir metas e os objetivos que serão relacionados ao trabalho (Periard, 2011).

Quando Frederick Herzberg concluiu sua pesquisa constatou que os fatos que levavam à insatisfação profissional não tinham a ver com a influência na produção de satisfação dos funcionários das empresas. Percebeu então que o que causava a satisfação dos funcionários estava relacionado ao trabalho que tinham, às tarefas que desempenhavam, sua natureza, a responsabilidade e uma suposta promoção. Herzberg em seus estudos constatou, fatores no ambiente de trabalho que pode causar insatisfação dos funcionários e que não tem a ver com as tarefas desempenhadas. O ser humano tem necessidade de aprender e geralmente aos poucos ira desenvolver suas habilidades sejam elas profissionais ou sociais com o desenvolvimento a satisfação pelo que faz (Periard, 2011).

2.3.3 Teoria X e Y de Mc Gregor

O professor e economista americano Douglas McGregor, desenvolveu a teoria X e Y para explicar as relações entre uma empresa e seus trabalhadores e auxiliando outras teorias no que diz respeito a lideranças de pessoas em empresas. Esta teoria trata de dois perfis de funcionários, conforme o estudo relata, aspectos estes que muitas vezes o próprio funcionário não percebe ter. Uma dos perfis trata de funcionários relapsos, preguiçosos e que tem pouca habilidade no que faz, usando muito pouco de sua capacidade. Já o outro perfil indica bons funcionários, aqueles que gostam do que fazem e fazem com grande prazer e buscam bastante responsabilidade (Periard, 2011).

Esta teoria, conforme indica Periard (2001) também foi chamada por McGregor de Hipótese da mediocridade das massas, seguindo o pressuposto que os trabalhadores tenham certa aversão à responsabilidade e às tarefas que cabem a eles no trabalho, necessitando sempre de ordens de superiores para que o trabalho aconteça. Geralmente estas ordens vêm sempre acompanhadas de punição, ameaças, elogios, dinheiro, etc. Segundo o autor, eles precisam ser motivados assim para trabalhar e vivem no seu estagio fisiológico onde bastam as condições mínimas de sobrevivência.

Dentro dos princípios da teoria X um individuo comum sempre evitara o trabalho ou em outras situações só trabalhará sob pressão ou sob punição. O individuo que se enquadra nesta teoria evita responsabilidade e apesar de não gostar de trabalhar tem ambição e conta com uma proteção própria e gosta de ser dirigido. Na Teoria Y os

trabalhadores são pessoas altamente competentes, responsáveis e criativas, gostam do que fazem e trabalham com prazer. Fazem de seu trabalho uma diversão. Geralmente as empresas proporcionam métodos para que estas pessoas consigam oferecer o seu melhor, com desafios, participando e influenciando cada vez mais nas tomadas de decisão (Periard, 2011).

2.4 MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS PARA ESTUDAR

Conhecendo as instituições educacionais e o sistema de educação brasileiro não se tem dúvidas de que muitas crianças e adolescente precisam ser motivados pela família para frequentar uma escola, pois, a própria escola não oferece esta motivação, Martinelli e Aguenta (2011) citam Veiga e Antunes (2005) explicando que segundo os autores, estudantes adolescentes que tem motivação das famílias para estudar desempenham melhor e com mais responsabilidades as tarefas escolares e que alunos com maior apoio dos pais apresentam nível mais elevado de competência, não importando se a escola for pública ou privada se oferece motivação ou não, pois o aluno vem motivado de casa, já sabe o porque esta estudando. O acompanhamento dos pais ou adultos responsáveis que incentivam os jovens no período de preparação para a vida adulta é indispensável, pois os mesmos precisam sentir-se amparados.

Segundo Carvalho, Ferreira e Pereira (s/a) nos tempos atuais não é tarefa fácil fazer com que crianças e adolescente sintam atração pela escola, visto que as tecnologias cada vez mais avançadas são mais interessante para todos do que a escola que por vezes tem pouco a oferecer. A atração pelo sistema tecnológico está fazendo com que muitos estudantes em idade escolar percam o interesse pelo que realmente seja importante. Com uma escola muitas vezes sucateada torna-se difícil para os professores conseguirem mostrar para os estudantes, que já chegam na escola com pouca motivação, que estudar pode ser divertido, se este estudante, de qualquer idade, já tem acesso aos aparelhos tecnológicos. Carvalho, Ferreira e Pereira (s/a) citam Zeti (2000) explanando que os especialistas no assunto ressaltam que os professores devem mostrar aos seus alunos que estudar é divertido, quando os mesmos não tem esta motivação familiar, porém, o difícil é competir com os modernos aparelhos tecnológicos.

Conhecendo a realidade social do Brasil e as políticas públicas voltadas a melhoria nos campus educacional, não podemos culpar uma só instituição como a família, por exemplo, ou a oferta das tecnologias, no que se refere ao fracasso educacional e a falta de motivação do estudante. Nesse sentido “vários podem ser os fatores que fazem com que uma criança ou adolescente perca o encanto pelo estudo sendo assim cada um dos sujeitos atribui êxito ou fracasso ao seu currículo o longo de sua construção” (Carvalho, Ferreira e Pereira, p. 15, s/a).

As autoras Carvalho, Ferreira e Pereira (s/a) em suas pesquisas puderam contatar vários alunos que em suas falas relatam a importância de estudar para ter um futuro satisfatório. E, segundo estes alunos, fica muito mais fácil gostar de estudar se o assunto interessa e o assunto só interessa quando se sabe onde vai aplicar depois. Muitos alunos tem plena consciência de que o segredo para ter um futuro de qualidade, no que se trata da vida profissional, é o conhecimento. Dentro deste contexto a motivação é válida para os indivíduos que já tem uma meta traçada, pois depende muito da característica de cada sujeito e na medida em que vai tendo perspectivas de vida vai traçando suas metas e buscando suas necessidades. Lembrando que para uma criança ou um adolescente ter motivação para um futuro profissionalmente capacitado, necessita de um conjunto de fatores. Fatores estes que se iniciam no leito familiar com apoio dos pais ou dos responsáveis legal, caso contrário esta motivação pode ser contorcida.

Em suas análises com pesquisas Knüppe (2005) diz que a motivação dos alunos para estudar ou permanecer nas salas de aula é muito deficiente, relata que segundo os professores entrevistados os alunos chegam muito desmotivados na escola. Comentam que os próprios alunos relatam que preferem ficar em casa, pois, os aparelhos tecnológicos que tem em casa são mais atrativos que a escola. Dizem que odeiam ficar a tarde toda sentados em cadeiras desconfortáveis. “A escola não é mais um lugar legal. As crianças preferem ficar em casa assistindo um vídeo ou brincando na praça, porque aqui eles ficam copiando do quadro e sentados a tarde toda. Que graça tem?” (Knüppe, p. 281, 2005).

A autora Knüppe (2005) citou Pozo (2002) que explica que para ter um ensino aprendizagem de qualidade é preciso procurar sempre um motivo. A desmotivação gera graves implicações como a repetência e a evasão escolar. “Nas escolas públicas, muitas crianças, por repetirem várias vezes a mesma série, optam por sair da escola e ingressar no mundo do trabalho, o qual traz um retorno financeiro, causando assim a evasão nas escolas” (Knüppe, p. 282, 2005). A autora também trás um alerta muito importante para

que os pais fiquem atentos às preferências dos filhos. Knüppe (2005) mencionada que os aparelhos elétricos eletrônicos e tecnológicos fazem partes da vida de muitos indivíduos nos tempos atuais e se tornaram uma necessidade, porém as crianças e adolescentes devem ser incentivados ao uso de forma saudável, desde que não prejudique suas motivações para estudar e adquirir conhecimento. Quando as crianças e adolescentes valorizam mais os seus aparelhos tecnológicos, utilizado para comunicar ou divertir-se, do que o conhecimento científico, já está ocorrendo um desequilíbrio na motivação do indivíduo, que pode acarretar em sérios prejuízos no seu futuro profissional.

Carvalho, Ferreira e Pereira (s/a) citam Bzunch (2001) que alerta sobre a importância da motivação para a aprendizagem, pois alunos desmotivados estudam pouco ou nada e isso irá impedir que este indivíduo tenha êxito no futuro. Poderá não ser um indivíduo competente para exercer seu papel de cidadão ou profissional, além de possuir dificuldades para se profissionalizar futuramente causando perdas possivelmente irreversíveis.

2.5 MOTIVAÇÃO E FAMÍLIA

Martinelli e Agüena (2011) citam Tápia (2005) dizendo que família e escola são espaços favoráveis para o desenvolvimento do interesse das crianças e adolescentes no que se refere à aprendizagem escolar. Segundo o autor família e escola devem oferecer um ambiente agradável para despertar o interesse dos estudantes em buscar novos conhecimentos e o transformá-los em instrumentos em seu benefício. O diálogo entre pais e filhos são elementos fundamentais para que os filhos sintam o acolhimento que pais e escola tem por eles. Uma simples pergunta sobre como foi a aula do dia pode ser instrumento motivacional, e a escola deve ser de certa forma um ambiente acolhedor e que ofereça aos estudantes momentos de descontração além da seriedade da oferta do conteúdo científico.

Martinelli e Agüena (2011) relatam em sua pesquisa que estudantes com pais presentes e incentivadores são mais ativos e mostram maior interesse em adquirir conhecimentos. Mostrou também que pais que acreditam no potencial dos seus filhos estão dando a eles uma carta de liberdade de escolha juntamente com a responsabilidade de seus atos, fazendo com que os jovens sintam se valorizados e gratos. Segundo as autoras supracitadas, seus estudos revelam que ao demonstrar que acreditam nos filhos os pais desempenham o papel de apoiadores, fazendo com que os filhos mostrem gratidão

por realizar com prazer seu papel de estudante responsável, tendo também uma boa relação interpessoal.

Nos últimos anos o Brasil assistiu a separação em massa de casais com filhos em idade escolar e os mesmos acabaram sendo vítimas da irresponsabilidade dos próprios pais. Nestes novos modelos de família, que foi sendo construída conforme os arranjos de cada um, os filhos também tiveram que se adaptar a uma nova realidade. Cada um com a escolha dos pais e, estas escolhas podem, em algumas circunstâncias, seguirem na contra mão das escolhas da criança. Neste contexto o novo lar poderia não oferecer a mesma motivação para o estudo. Os pais ausentes, de certa forma, incentivam a distância os filhos a frequentarem a escola, porém não avança além desde incentivo, pois não comparecem a uma reunião de pais, não buscam boletins, se por eventualidade forem chamados na escola, na maioria das vezes buscam incumbir esta responsabilidade ao cuidador ou os avós, se esquivando mais uma vez do papel que lhes cabe. Carvalho, Ferreira e Pereira (s/a) citam Martini (1999) que relata a preocupação dos pais presentes que vivenciam o desinteresse dos filhos pela escola e as constantes queixas dos professores que mostram sua luta na busca por querer fazer com que os estudantes sintam prazer em estudar.

Para Martini (1999), citado por Carvalho, Ferreira e Pereira (s/a) a preocupação deve ser acompanhada de medidas de incentivo, mostrar para o estudante e filhos o porquê ele deve ter conhecimentos escolares. Pais devem falar de suas preocupações com respeito ao futuro para seus filhos. Filhos com pais presentes na escola são estudantes mais competentes e acumulam uma bagagem bem maior de responsabilidades nos trabalhos propostos e eventualmente se tornam os profissionais com melhor qualificação no mercado de trabalho. O mercado de trabalho nos tempos atuais espera muito receber jovens preparados para exercer funções de responsabilidade.

Para Knüppe (2005) esta situação é muito preocupante, enquanto pais trabalham e muitas vezes recebem um salário não satisfatório pelos serviços que executam, em função de sua baixa preparação profissional, proporcionam a seus filhos oportunidades que desmotivam os estudos e que poderão também proporcionar frustrações futura. Assim relata a autora:

“muitas crianças chegam cansadas nas escolas porque tiveram uma manhã cheia de atividades (judô, natação, futebol, aula de dança, aula de inglês). Outras preferem brincar com jogos eletrônicos e não fazem as tarefas escolares, e, segundo as entrevistadas, chegam na escola preocupados com a hora da saída para continuarem sua brincadeira em casa, além da falta de cobrança de muitas famílias (...) “Que incentivo a criança vai ter? Ela chega em casa e a mãe não pede nem pra ver o caderno. Não pergunta nem como foi a aula” (Knüppe, p. 286, 2005).

Ainda de acordo com Knüppe (2005) a falta de incentivo dos pais pode ocasionar desvio de interesse, pois ao comprarem os filhos com opções de distração podem fazer com que eles façam escolhas errôneas, agindo pelo impulso do prazer. Os indivíduos devem ser estimulados a terem equilíbrio, colocando em primazia o que realmente ele desenvolve de melhor, por isso é muito importante que a família observe, nunca mude a trajetória profissional de um indivíduo só por caprichoso ou orgulho dos pais. Os filhos devem ser estimulados e não conduzidos, devem ter liberdade de escolha.

Em sua pesquisa Guidetti (2013) diz que um adequado suporte educativo familiar pode contribuir para amenizar as desvantagens sociais e econômicas dos estudantes sobre o futuro desempenho escolar já que a família é a base de tudo no que se diz respeito aos primeiros contatos com a vida social de um indivíduo.

Diante desse contexto Guidetti (2013) cita Patto (1990) que aponta para a necessidade de se quebrar o estigma de que o fracasso escolar é exclusivamente culpa do aluno ou de sua família e alerta para a proporção dos determinantes institucionais e sociais que colaboram com o fracasso escolar e não só com os problemas orgânicos, neurológicos e emocionais dos indivíduos. “A expressão “fracasso” é explicada, no dicionário Aurélio como desgraça, desastre, ruína, perda, mau êxito, malogro. A preocupação com o fracasso escolar, considerado como resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda escolar” (Guidetti, p.10, 2013).

Segundo as pesquisas feita pela autora Guidetti (2013) desde muito cedo buscou-se uma explicação para o fracasso escolar e a falta de motivação dos alunos.

“A partir dos anos trinta, a escola adotou a prática de diagnóstico e tratamento dos desvios psíquicos, passando, assim, a justificar o fracasso ou, no máximo, a tentar impedi-lo por meio de programas psicológicos preventivos, baseados no diagnóstico precoce de distúrbios no desenvolvimento psicológico infantil” (Guidetti, p.11, 2013).

Guidetti (2013) citou Patto (2003) quando descreveu que na década de 40, a tendência à psicologização das dificuldades da aprendizagem era levada até as últimas consequências ao delimitar a explicação das dificuldades escolares ao âmbito das insatisfações psicológicas. Até os anos 70 ainda eram predominante as explicações de que o fracasso escolar era de cunho biológico, psicológico e social dos alunos. Nas escolas públicas o fracasso escolar era visto como déficit cultural, os que não acompanhavam a estrutura na qual a sociedade se organizava. Guidetti (2013) cita Corrêa (2001), onde diz que nos anos 70 e 80 o estudo sobre fracasso escolar encontrava-se num dos pontos altos

devido a universalização do ensino no Brasil, entre os anos 60 e 70 nesta época todos passam a ter acesso a escola. Em dados apresentados por Neubauer (2001), citado por Guidetti (2013), o Brasil, no período dos anos de 1950, tinham apenas 36% dos indivíduos de 7 a 14 anos na escola e, a boa escola desta época era aquela em que nem todos podiam frequentar. Somente no final do século XX foi que a população brasileira teve realmente o acesso livre para as escolas e as matrículas foram assustadoras. De acordo com dados do censo escolar publicado pelo INEP (2012), também citado por Guidetti (2013) hoje a maioria das crianças em idade escolar se encontram na escola, seja municipal ou estadual, assim a escola se deparou com um problema: a não preparação para atender toda esta demanda.

Para Corrêa (2001) citado por Guidetti (2013) a universalização sem a reestruturação das escolas criou um ambiente propício para o fracasso escolar e a desmotivação dos alunos. Neste contexto voltamos ao que vem se tecendo desde o começo deste artigo, sem que as crianças ou adolescentes sejam bem preparadas e motivos pelos pais ou responsável legal elas podem não encontrar motivos para ir a escola, pois tudo pode ser mais interessante do que estudar, mesmo que esta negação custe seu futuro. Juntamente com a desmotivação para estudar, está às reprovações e a evasão escolar e, conseqüentemente a má formação profissional.

Para Guimarães e Boruchovitch (2004), citado por Guidetti (2013) são nestas instâncias que um estudante precisa ser motivado, estar envolvido no processo de aprendizagem, engajando em tarefas desafiadoras, desprendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver habilidades e domínio. Mesmo não tendo um espaço educacional adequado não se pode desanimar, então entra o valioso papel dos responsáveis pelo estudante em fazê-lo entender que vivemos num mundo globalizado e não é por estarmos defasados em sentido de educação formal que o mundo irá parar.

“Consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que as escolas têm a obrigação de se articular com as famílias e os pais têm direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como de participar da definição das propostas educacionais. Porém, nem sempre esse princípio é considerado quando se forma o vínculo entre diretores, professores e coordenadores pedagógicos e a família dos alunos” (Silva, Silva e Souza, p.96 2013).

Silva, Silva e Souza (2013) ainda argumentam sobre a importância do intercâmbio entre família escola e comunidade em geral preocupada na formação dos futuros cidadãos, pois uma sociedade evoluída se faz de pessoas esclarecidas. Quando fala-se em incentivo, no que se diz respeito aos filhos, deve-se lembrar que enquanto

sociedade é preciso pessoas preparadas para trabalhar em prol das necessidade de todos. Nesse sentido a preocupação é do conjunto num todo e não um caso isolado.

Salientam Silva, Silva e Souza (2013) que toda criança ou adolescente com família participativa direta na escola apresenta desempenho bem superior com relação aos alunos que os pais estão ausentes no processo do ensino aprendizagem. Ao conversar com os filhos sobre os acontecimentos na escola, ao cobrar deles os deveres de casa, falarem sobre a importância de ir à escola, porque conquistar notas boas, traçar metas futuras com os filhos, falar sobre um futuro profissionalizante e para isso quais caminhos devem trilhar é de fundamental importância para motivação dos estudantes, independente da idade.

Silva, Silva e Souza (2013) cita a fala da pedagoga Márcia Argenti Perez, da Universidade de São Paulo, que estuda os conflitos entre escola e família, diz que a culpa é dos tempos difíceis em que vivemos. “Mudanças que antes ocorriam em cem anos agora acontecem em dez e está muito difícil acompanhar as novas exigências sociais e culturais”, diz (Silva, Silva e Souza, p.98, 2013). Atualmente há uma confusão de papéis, cobranças de atitudes de uma instituição para a outra e novas atribuições profissionais para o educador. O professor Vítor Paro, também da Usp, outro estudioso do assunto, afirma: “Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola. Por outro lado, há uma falta de habilidade dos professores em promover essa comunicação” Segundo Márcia Argenti Perez (USP, 2003) citado por Silva, Silva e Souza(2013, p.98).

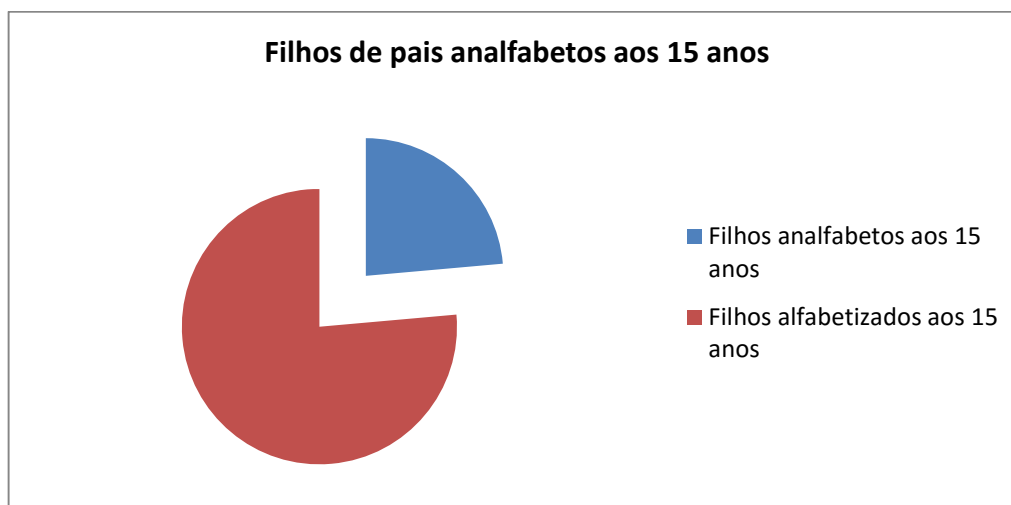
Ao longo desta pesquisa bibliográfica pode-se perceber que o papel da família é de suma importância para a motivação educacional das crianças e adolescente no geral, que é na família que as crianças aprendem suas primeiras lições da vida e cabe a escola e a sociedade dar continuidade a estes conhecimentos que podem ser chamados de conhecimentos prévios. Os pais têm fortes obrigações sobre os filhos, porém nos dias atuais muitos pais se esquivam das responsabilidades, deixando esta tarefa ao encargo de terceiro, que muitas vezes também não dão conta do recado deixando a criança vulnerável aos aprendizados da vida tornando-se assim vítima do sistema desenfreado que vivemos.

Figueiredo (s/a) diz que os estudantes devem estar convictos de sua evolução no que diz respeito ao conhecimento científico e ter em vista os seus objetivos. Assim cita Schunk (2001) enfatizando que é interessante que os alunos se auto avaliem para ter conhecimento do seu progresso, mesmo que não seja fácil para os estudantes será um momento de reflexão que pode fazer uma grande diferença. Tendo em vista que pode ser

um pouco difícil para o aluno, entra em cena o professor para incentivá-lo. Citado por Schunk (2001), Carita et al.(1998) relata que “os alunos motivados conseguem uma maior concentração e persistência nas tarefas escolares, obtendo mais satisfação quando alcançam os objetivos estabelecidos” (Schunk, p.14, 2001). A motivação leva os estudantes a se esforçarem mais, a fazerem tudo o que lhes é proposto, pois o conhecimento cabe em todos os tempos.

Figueiredo (s/a) citou Zimmerman (1995), assim o otimismo contribui para a incrementar a autoestima dos estudantes e os próprios tornam-se mais persistente segundo o que eles almejam, buscando soluções para seus problemas com autonomia também segundo suas necessidades. Para o autor a elevação da autoestima dos alunos é de fundamental importância para seu crescimento com desempenho eficaz. Para Zimmerman (1995) citado por Figueiredo (s/a) mais do que ensinar é preciso buscar estratégias motivacionais para que os adolescentes encontrem prazer nos estudos. O ser humano por si próprio tem tendência a ter necessidade de ser motivados.

Gráfico 1 – Escolaridade de filhos de pais analfabetos



Fonte: Elaborado pela autora – dados do IBGE

É relevante acrescentar que pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que o nível de escolaridade dos pais é fator peremptório na formação educacional de sua prole. “Estudo mostra que entre os pais que não eram alfabetizados aos 15 anos, 23,6% dos filhos também não eram na mesma idade”

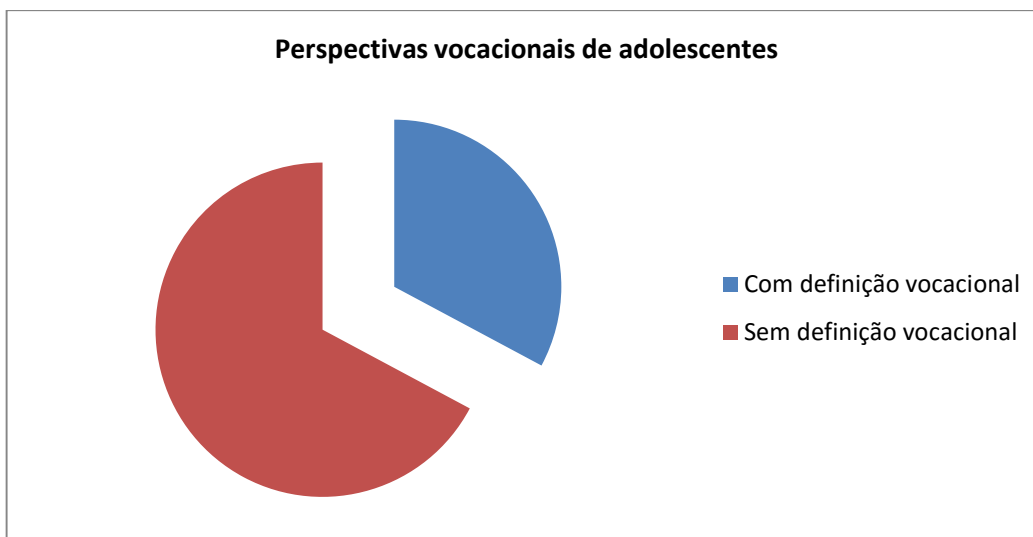
Gráfico 2 – Escolaridade de filhos de pais com ensino superior



Fonte: Elaborado pela autora - dados do IBGE

(Nitahara, s/p, 2016). Ressalta-se ainda que destes, 4% apenas, concluíram curso superior. Entre os pais com nível superior completo, apenas 0,5% dos filhos não tinham instrução aos 15 anos e, 69,1% também completaram o nível superior.

Gráfico 3 – Perspectivas vocacionais de adolescentes.

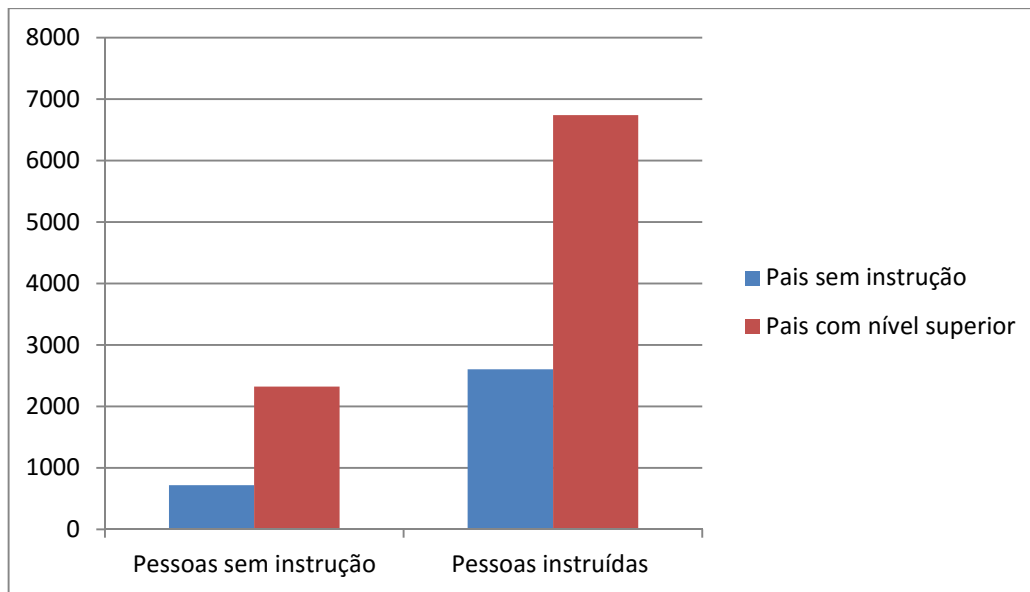


Fonte: Elaborado pela autora – dados do IBGE

Em consonância com estes resultados Locatelli, Bzuneck, Guimarães (2007) em sua pesquisa sobre a motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro chegam a conclusão que a maioria dos adolescentes brasileiros chegam ao término do ensino médio sem perspectiva de uma escolha vocacional.

Ainda na pesquisa realizada pelo IBGE, outro fator que se tornou relevante recai sobre o rendimento salarial em correlação com a escolaridade do pai. Entre as pessoas sem instrução o valor aproxima-se à R\$ 717,00 para aqueles em que os pais não possuíam instrução escolar e R\$ 2.324,00 para aqueles em que o pai possuía nível superior completo. Na população de trabalhadores com curso superior completo, os salários variaram entre R\$ 2.603,00 para aqueles sem pais com instrução escolar e, R\$ 6.739,00 quando o pai também era possuidor de nível superior completo. Houve pouca variação quando comparada a escolaridade da mãe, seguindo a mesma tendência (Nitahara, 2016). “Apesar de destacar a importância do suporte familiar, o IBGE ressalta que a formação e o rendimento do trabalhador envolve uma conjunção de fatores” (Nitahara, s/p, 2016).

Gráfico 4 – Renda dos pais com instrução e sem instrução



Fonte: Elaborado pela autora – dados do IBGE

Ainda na pesquisa realizada pelo IBGE, outro fator que se tornou relevante recai sobre o rendimento salarial em correlação com a escolaridade do pai. Entre as pessoas sem instrução o valor aproxima-se à R\$ 717,00 para aqueles em que os pais não possuíam instrução escolar e R\$ 2.324,00 para aqueles em que o pai possuía nível superior completo. Na população de trabalhadores com curso superior completo, os salários variaram entre R\$ 2.603,00 para aqueles sem pais com instrução escolar e, R\$ 6.739,00 quando o pai também era possuidor de nível superior completo.

Houve pouca variação quando comparada a escolaridade da mãe, seguindo a mesma tendência (Nitahara, 2016). “Apesar de destacar a importância do suporte familiar, o IBGE ressalta que a formação e o rendimento do trabalhador envolve uma conjunção de fatores” (Nitahara, s/p, 2016) .

Estas pesquisas remetem a importância familiar no planejamento do futuro profissional e como este planejamento repercute na prática. Observa-se que a prole de famílias sem instrução escolar em grande porcentagem torna-se adultos com menor retorno financeiro, possivelmente por conquistarem vagas menos valorizadas em termos de remuneração. Fatores este que provavelmente se fundamenta no quesito escolaridade. O mesmo não ocorre em famílias com nível de instrução elevado. Nesse sentido retornar-se ao ponto de partida desse processo, a motivação para estudar e o incentivo a pensar no futuro. Percebe-se pela pesquisa de Locatelli, Bzuneck, Guimarães (2007) que aproximadamente dois terços dos adolescentes não definiram possibilidades para o

futuro. Recai nesse sentido a urgência da necessidade de desenvolver uma rede que dê suporte aos alunos para motivá-los para o estudo e aprendizagem.

3. METODOLOGIA

A pesquisa proposta é de caráter exploratório-descritivo e documental. De acordo com Gil (2002) esta modalidade tem por principal objetivo tornar um fenômeno familiar por meio de investigação, de modo a que o estudo possa ser concebido com uma maior compreensão e precisão. Permite uma investigação detalhada e a formulação de hipóteses. O mesmo autor emprega em sua obra o objetivo de uma pesquisa descritiva, que envolve a “(...) descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis” (GIL, 2002, p. 42). Neste caso, será o de descrever, sob o entendimento de distintos autores, acerca da influência da família sob a motivação para estudar e os possíveis reflexos sociais.

Os dados foram obtidos por meio de levantamento bibliográfico, pois é um inventário do material já publicado com o fim de possibilitar ao autor entrar em contato com produções previamente pesquisadas e elaboradas acerca de determinado assunto (Lakatos e Marconi, 2009). Neste estudo, os materiais referidos corresponderam a artigos científicos, teses, dissertações e livros.

Os dados foram levantados a partir de pesquisas realizadas em livros físicos e e-books. Foram acessados também artigos científicos, dissertações e teses por meio de bancos de dados na internet, nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online – Scielo; Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - Bireme; Literatura Latino-Americano em Ciências de Saúde - LILACS; Google Acadêmico; Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal -REDALYC. Para a realização das buscas foram considerados os seguintes descritores: família, motivação, família e motivação, motivação para estudar, influência da família na motivação para estudar, família e escola.

Como critérios de inclusão foram selecionados trabalhos apresentados em forma de artigos científicos, teses, dissertações e capítulos de livros que referiram direta ou indiretamente à temática. Ao ser coletado o material, a partir dos objetivos foram realizadas as investigações neste e construída uma exposição dos achados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é o berço da pessoa, espaço propício para a formação e educação de filhos e agente socializador primário. Segundo Veronese e Costa (2006), os valores que a família transmite para sua prole são essenciais no processo de formação, pois as primeiras relações de convivência social se dão no contexto familiar, bem como o desenvolvimento emocional, físico, moral e espiritual e profissional são de responsabilidade da família, independente de sua constituição ou formatação, já que o que os filhos fazem são reproduzir as ações dos pais, por isso há tanta responsabilidade da parte dos chefes de família.

É relevante ressaltar, acerca da instituição da família, que se vivenciou e continua-se a vivenciar mudanças substanciais em sua configuração e estrutura. Algumas dessas mudanças, no que tange atitudes e encargos, podem estar na contramão do que foi estabelecido como princípio de responsabilidade para conduzir uma família rumo a um futuro saudável e de sucesso. Considerando neste futuro a preparação profissional, o ajustamento para a vida em sociedade e, a construção de novas famílias, pela prole, de forma sólida em fundamentos e princípios a serem cultivados.

A sociedade brasileira perpassa uma vulnerabilidade no que se refere à solidificação familiar e a importância de os filhos serem educados e preparados dentro deste arranjo. Preparação para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais exigente e para terem sucesso em suas relações interpessoais. Presencia-se atualmente um número crescente de desempregados no Brasil e uma falta cada vez maior de profissionais gabaritados para preencher determinadas vagas. Observam-se ainda cada vez mais pessoas despreparadas para o trabalho ocupando diversos cargos de responsabilidade, ocasionando resultados insatisfatórios e com falta de qualidade.

Neste contexto o futuro das crianças e adolescentes transmite inquietude. Observa-se que fatores diversos estão conduzindo jovens, em idade escolar, à desilusão, deixando de lutar por um futuro melhor por abandonar os estudos ou mesmo por pouco interessarem-se pelo aprendizado, pela escola, por se profissionalizar. Segundo a Constituição Federal Brasileira (Brasil, 1988), a família é a base da sociedade e goza de proteção especial do Estado. Sendo a família a base da sociedade muitas são as preocupações em relação à mesma. Acredita-se que quando a prole é adequadamente instruída, com referência a respeitar a hierarquia, quando os genitores transmitem a noção

da necessidade de aprender e se deixar ser ensinados, os filhos se tornam mais capazes de viver em sociedade, atingir objetivos e tornarem-se pessoas de sucesso. São menores os riscos de se excluírem ou de serem excluídos socialmente.

Em termos psicológicos, Souza e Ramires (2006) caracterizam a família como uma estrutura de cuidado e ensinamentos. A família, que idealmente é um espaço de afeto e respeito, não se limita em alimentar e proteger de perigos, mais sim em proporcionar um ambiente adequado para o desenvolvimento dos filhos, principalmente emocional, como membro de um grupo social. Os pais devem ficar atentos ao futuro dos filhos quando se trata de preparação para o futuro profissional já que é possível considerar como responsabilidade da família, cuidar do crescimento emocional e prover e incentivar o progresso intelectual.

Um indivíduo bem sucedido é um indivíduo emocionalmente saudável. A higidez emocional pode ter como fator de proteção a qualidade do relacionamento e a capacidade de diálogo e incentivo entre os membros da família. Contrário a isto, pode haver riscos para aqueles que vivem em um ambiente em que conflitos são acirrados e predominantes (Souza, 2000). A família está, de modo geral, presente na criação de um projeto de vida de seus membros. Esse projeto é baseado em suas crenças e valores, os quais são transmitidos aos filhos durante seu desenvolvimento familiar. Nesse sentido, os pais tendem a buscar o equilíbrio (ou em tese almejam a tanto) em termos educacionais, para que seus filhos se realizem, pessoal e profissionalmente, na vida adulta. A família também aparece como principal cenário para os filhos, no qual experiências vividas poderão contribuir de alguma forma, no processo de desenvolvimento (Wagner; Falcke&Mezza, 1997).

O contexto supracitado sugere que existe uma relação inerente entre a vivência familiar e desenvolvimento do sujeito. Nesse sentido o assunto acerca da influência da família na motivação para estudar despertou interesse para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso em virtude da necessidade de conhecer como a literatura especializada caracteriza a temática. Estes dados que poderão auxiliar na compreensão da postura (des) motivada dos estudantes, agregarão profissionalmente no desenvolvimento de intervenções educacionais dirigidas as famílias e aos próprios estudantes. Logo, ganhos sociais estão implícitos, tendo em vista que progresso de uma sociedade depende de sujeitos abonados de conhecimento, pelo fato de serem os sujeitos que vivenciam este processo os mesmos que compõem os mais diferentes setores da sociedade.

5 REFERÊNCIAS

BATISTA, A. P. L. Aula 05: **História da Família Brasileira**. Disciplina Teoria e Técnica Psicoterápica em Sistêmica, UNIDAVI: 2010.

BRANDÃO, E. P. A interlocução como direito à luz das práticas psicológicas em Varas de Família. In.: BRANDÃO, Eduardo Ponte; GOLÇALVES, Hebe S. **Psicologia Jurídica no Brasil**. Rio de Janeiro: NAU Ed., 2004.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CARVALHO, M. F. N. de; PEREIRA, V. C.; FERREIRA, S. P. A. (s/a) **A (des) motivação da aprendizagem de alunos de escola pública do ensino fundamental I: quais fatores envolvidos?** Trabalho de conclusão de curso. Pedagogia, Centro de Educação da UFPE. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/272658800/A-Desmotivao-Da-Aprendizagem-de-Alunos-de-Escola>. Acesso em: junho de 2017

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo**: desconstruindo a patologia. São Paulo: Ed. Livro Pleno, 2000.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm.

DIAS, M. B. **Manual de Direito das Famílias**. 7ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

FERREIRA, A.; DEMUTTI, C. M.; GIMENEZ, P. E. O. (2010) **A Teoria das Necessidades de Maslow**: A influência do nível educacional sobre a sua percepção no ambiente de trabalho. XIII SemeAd. Seminário em Administração. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/13semead/resultado/trabalhosPDF/703.pdf>. Acesso em: junho, 2017.

FIGUEIREDO, F. J. C. **Como ajudar os alunos a estudar e a pensar? Auto-regulação da aprendizagem**. (s/a)Revista Educação Ciência e Tecnologia. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium34/18.pdf>. Acesso em: junho de 2017.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.2002

GOETZ, E. R.; VIEIRA, M. L. **Pai Real, Pai ideal**. Curitiba: Juruá, 2009.

GUIDETTI, A. A. **Desempenho escolar e percepção infantil da motivação e suporte familiar**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2013.

KNÜPPE, L. **Motivação e desmotivação: desafios para as professoras do Ensino Fundamental**. Educar, Editora UFPR, n. 27, p. 277-290, Curitiba: 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LOCATELLI, A. C. D, BZUNECK, J. A. & GUIMARÃES, S. E. R. **A Motivação de Adolescentes em Relação com a Perspectiva de Tempo Futuro**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 268-276, 2007.

MARTINELLI, S.de C.; AGUENA, E. C. **La Motivación em estudantes de enseñanza fundamental y las creencias y actitudes de los padres**. Revista de Investigación em Psicologia, Vol. 14, n. 1. Faculdade de Psicologia. Universidade Estadual de Campinas, Brasil, 2011.

MARTINELLI, S. de C.; BARTHOLOMEU, D. **Escala de motivação acadêmica: Uma medida de motivação extrínseca e intrínseca**. Avaliação Psicológica, vol. 6, n. 1, pp.21-31. Instituto de Avaliação Psicológica, Ribeirão Preto, Brasil, 2007.

MINUCHIN, S. **Famílias Funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1982.

MÜLLER, F. G. (2007). **Competências profissionais do mediador de conflitos familiares**. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

NITAHARA, A. **IBGE: educação dos pais é determinante na formação e no rendimento dos filhos**. (2013) Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/ibge-educacao-dos-pais-e-determinante-na-formacao-e-rendimento-dos-filhos>. Acesso em: junho de 2017.

OSÓRIO, L. C. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.

PERIARD, G. (2011). **Teoria dos dois fatores de Frederick Herzberg**. Disponível em: <http://www.sobreadministracao.com/tudo-sobre-a-teoria-dos-dois-fatores-de-frederick-herzberg/>. Acesso em: junho, 2017.

PERIARD, G. (2011). **Teoria X e Y de Mc Gregor**. Disponível em: <http://www.sobreadministracao.com/tudo-sobre-as-teorias-x-e-y-de-douglas-mcgregor/>. Acesso em: junho, 2017.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, Editor, 2003.

SAMPAIO, J. dos R. **O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação**. R.Adm., São Paulo, v.44, n.1, p.5-16, jan./fev./mar. 2009. Disponível em: <http://www.gerenciamento.ufba.br/Disciplinas/Lideran%C3%A7a/3%20O%20Maslow%20desconhecido%20%20uma%20revisao%20de%20seus%20principais%20trabalhos%20sobre%20motivacao.pdf>; Acesso em junho, 2017.

SILVA, J. G. da S.; SILVA, S. R. A. N.; SOUZA, E. C. da. **Participação da família na escola**. Revista Saberes em Rede CEFAPRO de Cuiabá, MT, 2013.

SOUZA, R. M. **Depois que papai e mamãe se separaram**: um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Set-Dez 2000, Vol. 16 n. 3, pp. 203-211

SOUZA, R. M. de; RAMIRES, V. R. R. **Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus, 2006.

VERONESE, J. R. P.; COSTA, M. M. **Violência doméstica**: quando a vítima é a criança ou adolescente. Florianópolis: OAB/SC Editora, 2006.

WAGNER, A., FALCKE, D. & MEZZA, E.B.D. (1997). **Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10, 155-167.